

O papel do Espírito Santo na Epístola aos Hebreus

The Role of the Holy Spirit in the Epistle to the Hebrews

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade
Universidade Católica de Pernambuco - Brasil

Resumo

O artigo tem como objetivo retomar, atualizar e ampliar a publicação de Jack Levison (2016) na qual defendeu a existência de uma pneumatologia bem elaborada na Carta aos Hebreus. A publicação de Levison se tornou um divisor de águas nesta temática, mas algumas de suas posições foram posteriormente questionadas na tese de Alan K. Hodson (2019) e a pergunta que parecia ter sido definitivamente solucionada “retornou como um zumbi” exigindo uma revisão dos argumentos desses autores e de outros em recentes estudos sobre a Carta aos Hebreus. Existe uma pneumatologia em Hb? É confusa? É cuidadosamente elaborada? Tem papel relevante ou secundário na Carta? Levison dialogou com autores que publicaram ao longo de um século para defender seus argumentos a respeito de uma pneumatologia bem elaborada e vital na Carta aos Hebreus. Este artigo aceita as conclusões de Levison e, além disso, apontam para uma união indissociável entre a obra do Cristo Sumo Sacerdote no santuário celeste a santificar os crentes e a obra santificadora do Espírito Santo. A metodologia usada foi a revisão bibliográfica.

Abstract

The article aims to resume, update and expand the publication of Jack Levison (2016) in which he defended the existence of a pneumatology well elaborated in the Letter to the Hebrews. Levison's publication became a watershed in this theme, but some of his positions were later questioned in Alan K. Hodson's thesis (2019) and the question that seemed to have been definitively resolved "returned as a zombie" requiring a review of the arguments of these authors and others in recent studies on the Letter to the Hebrews. Is there a pneumatology in Hb? Is it confusing? Is it carefully crafted? Does it have a relevant or secondary role in the Letter? Levison dialogued with authors who published over a century to defend their arguments regarding a well-crafted and vital pneumatology in the Letter to the Hebrews. This article accepts Levison's conclusions and, furthermore, points to an inseparable union between the work of Christ the High Priest in the heavenly sanctuary sanctifying believers and the sanctifying work of the Holy Spirit. The methodology used was the literature review.

Palavras-chave

Pneumatologia.
Cristologia.
Soteriologia.
Carta aos
Hebreus.

Keywords

Pneumatology.
Christology.
Soteriology.
Letter to the
Hebrews.

Introdução

Jack Levison, em seu artigo “A Theology of the Spirit in the Letter to the Hebrews” traz uma extensa revisão bibliográfica para mostrar como o tema da pneumatologia de Hb foi sendo trabalhado ao longo de cem anos. As publicações elencadas por Levison são discutidas uma a uma, em um *status quaestionis* extenso e profundo, com o objetivo de elucidar que os pesquisadores teriam sido displicentes em não considerar a existência de uma pneumatologia em Hb ou de dar pouco destaque a este tema que, para Levison, é um assunto crucial nesse livro bíblico.

Um passo decisivo nos estudos de Hb foi a descoberta de seu tema central: “Eis o tema principal do que se está dizendo: tal é o Sumo Sacerdote que temos, que se sentou à destra do trono da Majestade nos céus” (Hb 8,1). Hoje, é consenso entre os estudiosos que o tema central da Carta aos Hebreus é a obra sacerdotal de Cristo que salva a humanidade, purificando-a de seus pecados. Portanto, a cristologia é o tema que perpassa toda Carta aos Hebreus e interliga os demais temas ali abordados (VANHOYE, 1996, p. 321-338).

O contexto histórico que motivou o surgimento dessa cristologia sacerdotal foi, principalmente, uma apatia da fé, uma grande tentação para os judeu-cristãos do final do primeiro século. Com a destruição do Templo no ano 70, os judeus haviam perdido os rituais mediadores de sua relação com Deus, ficaram sem o centro geográfico, a cidade de Jerusalém, e sem o Sinédrio que era sua estrutura política. Além disso, a situação agravou-se para os judeu-cristãos, porque estes foram tratados pelos compatriotas como traidores por causa da opção pelo Crucificado. Perderam tudo e, aparentemente, não tinham adquirido nada em retorno, só uma espera pela Parusia que parecia infrutífera naquele momento crucial. Por isso, entraram numa profunda crise de identidade religiosa (GOMES; MALZONI, 2022, p. 421).

Os judeus reivindicavam que os pecados não seriam perdoados, exceto pelos ritos do Yom Kippur (Dia do Perdão, da Expição) quando, conforme o Levítico, somente nesse dia o sumo sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos para realizar a expiação dos pecados do povo (Lv 16,30).

Provavelmente, alguns membros da comunidade cristã estavam tentados a voltarem para o judaísmo por acreditarem que a participação nos ritos reelaborados pela sinagoga os tornaria livres do pecado. Na crise de identidade e demora da Parusia, os judeu-cristãos tinham uma consciência renovada do pecado e sentiam a necessidade de purificação e perdão (LINDARS, 1991, p. 20).

Em resposta a esse desafio do contexto histórico, o autor da Carta aos Hebreus edificou seu tema central sobre algumas proclamações fundamentais: temos um sumo sacerdote (8,1), um altar (13,10), um sacrifício perene (7,27) em um eterno Dia do Perdão (9,12-14; 10,19) em um santuário verdadeiro (celeste) não construído por mãos humanas (8,2). Há uma declaração tríplice da incapacidade do sacerdócio e dos sacrifícios antigos (10,1) para remover pecados (10,4 e 10,11), em contraste com a tripla afirmação sobre o sacerdócio e o sacrifício de Cristo pelo qual somos santificados (10,10), plenificados para sempre (10,14) e totalmente redimidos do pecado (10,18) (ANDRADE, 2013, p. 249-250).

As questões que se colocam agora são: se a Carta aos Hebreus é apenas uma cristologia; em que sentido os argumentos de Levison, a respeito de uma pneumatologia bem elaborada, ainda se sustentam ou se o papel do Espírito Santo é apenas um auxiliar da obra sacerdotal de Cristo com relação à purificação definitiva dos pecados.

Para Levison, apesar de Hb se referir sete vezes ao Espírito Santo, muitos estudiosos não encontraram ali nenhuma pneumatologia. No início do século XX, Henry Barclay Swete, em sua obra “The Holy Spirit in the New Testament” (1908), chegou a declarar que não há nenhuma pneumatologia em Hb e pretendia fechar essa questão definitivamente. Para Levison, há uma pneumatologia bem elaborada na Carta aos Hebreus, que desempenha um papel central no contexto geral da obra e não apenas um papel auxiliar da cristologia em relação à temática central que é a obra de Cristo como sumo sacerdote (LEVISON, 2016, p. 90-92).

Conforme o artigo de Levison, o máximo que os autores conseguiram chegar foi a admissão de que subjaz uma experiência carismática compartilhada pelo autor bíblico e por seus destinatários. Para ele, no

entanto, “existe, portanto, uma pneumatologia indispensável em Hebreus que deve ser levada em cuidadosa consideração em todos os estudos futuros da pneumatologia judaica e cristã primitiva” (LEVISON, 2016, p. 90).

Levison aprofunda a pneumatologia da Epístola aos Hebreus, expondo as falhas na análise pneumatológica de seus antecessores que podem levar à conclusão de que na carta não há uma teologia do Espírito Santo. Em todas as sete referências (Hb 2,4; 3,7-8; 6,4; 9,8; 9,14; 10,15.29), o Espírito Santo desempenha um papel essencial na salvação para a qual o autor de Hebreus chama com tanta urgência a atenção dos seus destinatários. Levison demonstra que existe na Carta aos Hebreus uma pneumatologia coerente, pois as referências atendem a quatro critérios gerais: (1) são parte integrante do argumento da carta; (2) são consistentes entre si; (3) estão enraizados na literatura judaica; e (4) estão claramente relacionados com outras concepções do Espírito no Novo Testamento (LEVISON, 2016, p. 92).

O impulso criativo do Espírito Santo conecta os primeiros textos nos quais as Escrituras são interpretadas para as comunidades do final do século I (Hb 3,7-8; 9,8; 10,15), com o segundo conjunto de textos (Hb 2,4; 6,4; 9,14; 10,29), nos quais se ressalta o significado da salvação para os destinatários da segunda e terceira gerações de cristãos (LEVISON, 2016, p. 93).

O Espírito Santo como hermeneuta das Escrituras

Três são as referências ao Espírito Santo (Hb 3,7-8; 9,8; 10,15) como intérprete ativo das Escrituras para os destinatários da Carta. Nesse caso, o autor bíblico cita passagens do Antigo Testamento para mostrar essa atividade do Espírito. Para o autor de Hebreus, tais textos do Antigo Testamento são palavras vivas, são textos não apenas sagrados, mas diretamente reveladores, atuais. A obra prima do Espírito Santo, conforme essas três passagens, está não somente na inspiração dos textos do Antigo Testamento, mas no uso destes para falar aos cristãos do final do primeiro século. Esses textos têm autoridade sobre os crentes como *viva vox* que os confronta mais afiada do que uma “espada de dois gumes” (Hb 4,12) por causa do Espírito Santo que fala no presente tanto quanto falou no passado (LEVISON, 2016, 90-95).

Hebreus 3,7-8: “como diz o Espírito Santo”

Na citação do Sl 95,7-11, o autor de Hb afirma que o Espírito Santo “diz”, λέγει, verbo no indicativo presente. Dessa forma, o Espírito Santo não é apenas o inspirador das Escrituras no passado, mas seu intérprete autorizado para as comunidades do final do século I (LEVISON, 2016, p. 93). O Espírito Santo fala por meio dos escritores do Antigo Testamento, dos legisladores, salmistas e profetas de Israel e fala, na atualidade, no coração dos destinatários da Carta. Nesse sentido, essas mesmas palavras do Antigo Testamento são diretamente dirigidas aos leitores da Carta que estão correndo o mesmo perigo que os israelitas na época a qual o Salmo se refere. O Espírito Santo fala diretamente com os destinatários da Carta como falou aos hebreus de outrora. Ao enfatizar o tempo presente através do termo “hoje”, em Hb 3,7, o autor aponta que o Espírito Santo deu esta leitura a ele, para que pudesse entregá-la aos destinatários como uma palavra nova de Deus, tornada atual por uma nova percepção e aplicação do texto veterotestamentário em um novo contexto (MONTEFIORE, 1964, p. 75).

Em Hb 3,8-9, ao citar o Salmo diretamente da versão grega (LXX, Sl 94), o autor escreve “no dia da tentação no deserto, vossos pais me tentaram, pondo-me à prova e viram as minhas obras por quarenta anos”. Contudo, o autor de Hb fez uma alteração no texto citado¹. No texto da LXX não foi Israel que testou Deus por quarenta anos, mas Deus, indignado contra Israel, o testou durante aquele tempo no deserto.

Essa alteração aumenta o caráter prolongado da rebelião de Israel, bem como o que está em jogo, a resistência persistente a Deus - um tema-chave da Carta aos Hebreus... O autor cita o texto do Salmo 94,9-10 (LXX) ao escrever mais à frente: “Mas com quem Deus se irou por quarenta anos?” (Hb 3,17). O autor conhece o Salmo 94 (LXX) como está agora, mas em Hebreus 3,9 o Espírito fala uma versão modificada, que enfatiza o perigo de se tornar endurecido para com Deus por um período de anos. Tal recalcitrância, adverte o autor, invariavelmente leva à descrença irrevogável (LEVISON, 2016, p. 97).

¹ Para maiores detalhes a respeito como a Epístola aos Hebreus cita o Antigo Testamento, ver o artigo magistral de George Howard (HOWARD, 1968, p. 208-216).

A força teológica da Epístola aos Hebreus reside menos na crença de que o Espírito Santo inspirou o texto da Bíblia Hebraica do que na crença de que o Espírito inspira a extensão desses textos aos destinatários dessa Carta. O principal *locus* de inspiração não é o texto antigo, mas a comunidade contemporânea do autor bíblico. Não somente na ênfase dada ao termo “hoje” em Hb 3,7-8, mas em todas as citações, a atividade do Espírito é descrita no tempo presente (LEVISON, 2016, p. 96-97).

Hebreus 9,8: “o Espírito Santo demonstra”

Nessa passagem, o Espírito Santo resume a prática do sumo sacerdote de Israel, principalmente, no Dia da Expição ou do Perdão, e interpreta essa atividade como desnecessária depois que outra tenda e outro sacerdote foram revelados, ou seja, depois da entrada de Jesus ressuscitado nos céus.

Após descrever como o sumo sacerdote trazia, anualmente, para a segunda tenda, o sangue do animal imolado, o autor afirma: “Nisto o Espírito Santo indica que o caminho para o santuário não se revelou enquanto a primeira tenda ainda esteve de pé” (Hb 9,8), ou seja, o caminho para o santuário celeste não foi revelado enquanto o templo de Jerusalém continuou de pé. O autor bíblico então passa a demonstrar a superioridade do ato sacerdotal de Cristo sobre o dos sacerdotes do Antigo Testamento (9,11-15) (LEVISON, 2016, p. 93 e 96-99).

O Espírito Santo ensina que a primeira tenda é uma barreira e não um local para o encontro com Deus. Essa interpretação do tabernáculo é uma inversão do significado claro dado pelo Antigo Testamento. Essa leitura do texto original é dada pelo Espírito Santo e surge como uma leitura que parte do fato da experiência da nova aliança em Cristo. De acordo com Hb 9,8, o Espírito Santo revela a inadequação da atividade sacerdotal e do sumo sacerdote do antigo culto. Isso sugere que o Espírito transmitiu ao autor de Hb algum *insight* especial que não estava anteriormente disponível para os leitores do Antigo Testamento. O verbo *δηλώω* é encontrado duas vezes em Hebreus (9,8 e 12,27) e mais cinco vezes no restante do Novo Testamento, expressando a ideia de revelar algo que não foi previamente compreendido, apreendido ou conhecido. O termo *δηλώω* pode indicar que o Espírito Santo dá

uma nova revelação à luz do “evento de Cristo”, mesmo porque a frase “o Espírito Santo indica” (9,8) é única no Novo Testamento (HODSON, 2019, p. 110-111).

É significativo que nenhuma clareza seja oferecida sobre como o Espírito mostra a ineficácia do antigo culto. Também é significativo que não haja menção a um intermediário humano por meio do qual o Espírito age. Em outras partes do Novo Testamento, quando as Escrituras são invocadas para descrever ou justificar uma ação posterior, é sempre um agente humano que é o hermeneuta. Sem o uso de um agente humano, o Espírito deixou claro que o cenário e a atividade descritos em 9,1-7, os antigos ritos de purificação, são agora ineficazes. E em 9,8 o Espírito Santo não apenas inspirou as Escrituras, mas também as interpreta. Aquele que as inspirou é o único intérprete apropriado das Escrituras (HODSON, 2019, p. 112-113).

Hebreus 10,15: “o Espírito Santo nos atesta”

Primeiramente, a perícopes de Hb 10,15-18 traz uma referência ao Espírito Santo, afirmando que ele “também nos atesta”. Em seguida, o autor bíblico introduz uma citação de Jr 31,33 sobre a promessa divina de uma nova aliança, mas essa citação aparece de forma muito modificada.

Na passagem de Hb 10,15, o Espírito Santo não somente é a fonte das Escrituras, mas a experiência real e interior da lei escrita no coração acompanhada de uma profunda consciência do perdão dos pecados (10,16b-17). Os destinatários da Carta devem ficar seguros de que, pelo testemunho interior do Espírito, eles já entraram no cumprimento da promessa de uma nova aliança. Então, Hb 10,15 é uma leitura profética da Escritura que começa com uma profunda experiência espiritual e então, sob a direção do Espírito, encontra aquela experiência descrita na Escritura. Quando o autor atribui as palavras de Jeremias ao Espírito Santo e as interpreta como um testemunho, no contexto de seus ouvintes, as palavras são adaptadas para acomodar a situação dos destinatários da Carta (LEVISON, 2016, p. 96-98).

As palavras “com eles” substituem a expressão “a casa de Israel” [LXX] e permitem que o texto de Jeremias inclua os leitores da Carta. A adição das palavras “e suas iniquidades” a

Jr 31,34 acentua a atividade pecaminosa [do povo] e, como consequência, enfatiza o alcance e a profundidade da misericórdia de Deus (Hb 10,17) (LEVISON, 2016, p. 98).

Quando o autor modifica o texto de Jr 31,33-34, mudando “a casa de Israel” para “com eles”, tem como objetivo abranger os leitores de sua época². Nessas passagens, algo diferente da inspiração das Escrituras está em jogo, o Espírito testifica e altera textos antigos para atender as necessidades da comunidade a qual a carta é endereçada. O Espírito Santo é um intérprete consciente e engajado das Escrituras, selecionando algumas passagens, alterando-as, acrescentando ou omitindo partes delas (LEVISON, 2016, p. 98 e 100).

Uma breve conclusão, a respeito das citações acima, mostra que até aqui três elementos da Carta aos Hebreus confirmam que o Espírito é o intérprete da Escritura: pela atividade do Espírito Santo no tempo presente do autor de Hb; pelas alterações nas citações da Escritura (mesmo quando o autor cita em outro lugar a versão integral) e pela falta de uma linha divisória entre a citação das Escrituras e sua extensão à comunidade (LEVISON, 2016, p. 96-97). Nos três casos acima, o Espírito é a fonte da expansão das Escrituras. O movimento da citação para a aplicação é ininterrupto. Essa expansão das Escrituras - não primariamente a produção original das Escrituras pelo Espírito Santo - é o *locus* da inspiração.

O Espírito Santo parceiro na salvação

Para efetuar a verdadeira redenção, o Filho de Deus se tornou, em todos os aspectos, semelhante aos homens, seus irmãos (2,17-18). O Filho compartilha a mesma carne e sangue que todos os humanos (2,14). Precisamente por causa de sua natureza igualitária, parceria é a palavra certa para descrever o relacionamento que Cristo convida seus seguidores a desfrutarem com ele. O “tornar-se participante” descreve adequadamente um relacionamento pessoal e recíproco com alguém, ser parceiro de Cristo é uma simples declaração de como seus seguidores se encontram, de fato.

² O autor de Hb muda a citação de propósito na passagem de 10,16s, porque em 8,10 cita de acordo com o texto de Jeremias na LXX, sem modificar e nem suprimir nada do texto veterotestamentário.

Mas, além do que é afirmado a respeito de uma parceria com Cristo, Hb menciona também uma parceria com o Espírito Santo. O agir do Espírito em Israel foi considerado uma autenticação do povo como comunidade da aliança com Deus, diferente de todas as outras nações (Ex 33,16). Agora, a presença do Espírito Santo entre os crentes os autentica como povo da nova aliança. Nesse sentido é que ser parceiro do Espírito Santo significa que o autor de Hb coloca o Espírito Santo em pé de igualdade com Cristo, então o que pode ser predicado de Cristo pode ser predicado do Espírito.

Hebreus 2,4: “pelas distribuições do Espírito Santo”

Essa passagem é a primeira advertência sobre as consequências de um cristão rejeitar o Evangelho. O autor bíblico exorta seus leitores a não se afastarem da salvação que receberam, a qual foi anunciada não através de anjos, mas pelo próprio Senhor (2,2-3) e a qual “Deus acrescentou o seu testemunho, confirmando-a por sinais, prodígios e milagres de toda sorte, e pelas distribuições do Espírito Santo de acordo com sua vontade”.

Levison exorta que, embora as edições em língua vernácula tragam a expressão “dons do Espírito Santo”, em grego se lê de forma mais simples e enigmática, “distribuições do Espírito Santo” com o estranho substantivo plural *μερισμοίς* (2016, p. 101).

Para enfatizar a qualidade da experiência que seus destinatários tiveram, em Hb 2,4 o autor traz à tona a relação que traça entre a experiência com Espírito Santo e uma variedade de “sinais, prodígios e milagres”.

Conforme Levison, há uma correspondência notável entre Hb 2,4 e o discurso de Pedro em Atos 2,22. Pedro se refere à vida de Jesus com as mesmas palavras em ordem inversa: “Jesus de Nazaré, um homem confirmado por Deus através de milagres, prodígios e sinais. A experiência de que os destinatários correm o risco de perder é tão autêntica quanto a experiência de Jesus e seus primeiros seguidores (LEVISON, 2016, p.102).

Essa relação entre o passado e o presente é reforçada pelas três gerações a que o autor se refere quando descreve a salvação: “que começou a

ser anunciada pelo Senhor e depois nos foi atestada por aqueles que o ouviram” (Hb 2,3). Jesus, aqueles que ouviram e a comunidade de hebreus pertencem igualmente ao propósito da salvação. A obra do Espírito Santo, uma vez demonstrada por sinais, prodígios e milagres, é ainda distribuída às pessoas de fé. À luz de um evento salvífico tão duradouro, a apostasia não é uma opção viável (LEVISON, 2016, p.102).

Hebreus 6,4: “provaram o dom celeste, partilharam do Espírito Santo”

A comunidade cristã é retratada como estando em peregrinação rumo ao descanso definitivo, à cidade celeste, agora acessível por meio da obra de Jesus e do Espírito Santo.

No texto de Hb 6,1-6 os destinatários são advertidos contra a apostasia, com o argumento de que é impossível restaurar o arrependimento das obras mortas uma vez que já receberam a luz, provaram o dom celeste, partilharam do Espírito Santo, saborearam a excelente palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro. Rejeitar o evangelho seria crucificar de novo o Filho de Deus.

Falando da obra anterior do Espírito, Hebreus 6,4 deixa claro que o Espírito Santo introduziu os incrédulos à salvação, ou seja, os capacitou a ouvirem a palavra do evangelho e os conduziu ao arrependimento das obras mortas. À luz de Hebreus 6,4-6, não há como negar que o Espírito Santo desempenha um papel crucial em chamar homens e mulheres ao arrependimento e de iniciá-los na salvação. Os crentes saborearam e provaram do dom celeste.

Neste ponto, o autor de Hebreus parece retomar a metáfora paulina (1Cor 10,1-4) sobre o leite provado pelos primeiros cristãos. Nesse caso, a metáfora de “beber o Espírito” ressalta a experiência do batismo no Espírito Santo. Ao recebê-lo dentro de si, o cristão o saboreia. Mas enquanto a metáfora em 1Cor remete à unidade comunal, em Hebreus o que está em evidência é a questão da salvação. De modo semelhante a Israel, durante a jornada do êxodo, os destinatários da Carta experimentaram a ação guiadora

do Espírito, descrito como um dom. O autor de Hebreus descreve a salvação em termos semelhantes como um provar “do dom celeste”.

Os destinatários da Carta experimentaram algo tão autêntico quanto a primeira geração de cristãos. Eles também se tornaram participantes do Espírito Santo, saborearam o dom celestial, da boa palavra e dos milagres que a acompanham. O Espírito Santo encoraja a perseverança dos santos. A Carta aos Hebreus enfatiza a importância da fé perseverante, por isso não é surpresa que o Espírito Santo desempenhe um papel nesse sentido.

A clareza deste argumento alinha Hb 6,1-4 com 2,1-4, onde o autor argumentou de forma semelhante que uma experiência do Espírito é essencial para a compreensão de que a passagem das gerações não implica a atenuação da salvação. À luz dessas observações, as fortes declarações, que o autor faz em 2,1-4 e 6,1-4 sobre a impossibilidade de ser restaurado novamente ao arrependimento, tornam-se lúcidas.

Os destinatários foram iluminados uma vez para sempre, provaram do dom celeste, foram feitos participantes do Espírito Santo. Esta experiência foi acompanhada por sinais e prodígios – os poderes da era vindoura (Hb 2,4; 6,5; e Atos 2,19, 22). À luz da salvação recebida, o autor se pergunta: “como podemos escapar se negligenciarmos uma salvação tão grande?” (Hb 2,3). O foco aqui é compartilhar ou participar com Cristo em sua herança. A parceria com Cristo que os crentes desfrutaram é íntima, tangível e completa. Não significa simplesmente que “nos tornamos” companheiros uns dos outros nas coisas de Cristo. Qualquer companheirismo desfrutado é porque nós nos tornamos - e somos - parceiros de Cristo.

Os argumentos em relação ao Espírito em Hebreus unem os ouvintes da Carta com Jesus e com a primeira geração de cristãos, ressaltando a autenticidade da experiência do Espírito Santo que os ouvintes provaram. As suas experiências não são isoladas, mas experiências antigas e passadas e novamente reapropriadas (LEVISON, 2016, p. 105).

Hebreus 9,14: “Cristo, que pelo espírito eterno se ofereceu a Deus”

Tendo declarado que o novo culto torna o primeiro obsoleto (8,13), o autor começa a desenvolver as implicações desse argumento. Ele começa e termina (9,12.13; 10,4) a seção afirmando que é impossível para o sangue de touros e bodes lidar com o pecado. A linguagem sacrificial é um modo de compreensão teológica sobre a morte de Cristo. O argumento do autor conclui que o efeito do sangue de Cristo purificando a consciência capacita seus seguidores a servir ao Deus vivo.

Quando Hb usa o termo αἰώνιος no sentido de eterno, às vezes, designa aquilo que pertence propriamente à eternidade e/ou a vida futura. Mas, também designa aquele antegozo do céu desfrutado pelos seguidores de Cristo aqui e agora. Nesse sentido é que deve ser entendida a afirmação de que Cristo ofereceu-se a Deus por meio do Espírito eterno como um sacrifício pelo pecado, perfeito e sem mácula (9,14).

Emmrich argumenta que o autor de Hb baseia-se na visão judaica tradicional que ligava o ofício do sumo sacerdote com o Espírito Santo. Demonstra ainda - através do uso do Antigo Testamento e de outras literaturas judaicas - como os judeus viam o Espírito sustentando o sumo sacerdote na execução de sua tarefa cultual mais difícil (EMMRICH, 2002, 32).

O “Espírito eterno” capacita Cristo em sua jornada (EMMRICH, 2002, 17). Cristo não se ofereceu a Deus por si mesmo, mas por meio do Espírito eterno (διὰ πνεύματος αἰωνίου). Significativamente, esta é a única vez no Novo Testamento que observamos o envolvimento do Espírito Santo na expiação (EMMRICH, 2002, 22-23).

O que é verdade sobre Jesus - que ele foi capacitado e empoderado pelo Espírito Santo - também é verdade para os crentes. De maneira semelhante, o Espírito Santo capacita e empodera os crentes. A atividade do Espírito não é uma incerteza nem um aceno sem qualquer poder eficaz. O Espírito traz o resultado. No contexto de Hebreus como um todo, portanto, o Espírito Santo trabalha para capacitar os crentes em sua jornada. O Espírito Santo não fala para encorajar uma piedade pessoal estreita e vertical; fala para garantir que os crentes permaneçam fiéis até o fim.

Hebreus 10,29: “aquele que tiver ultrajado o Espírito da graça”

O texto de Hb 10,29 pertence a uma série de advertências ligadas a 2,1-4 e 6,14: “Podeis imaginar que castigo ainda mais severo não merecerá aquele que tiver calcado aos pés o Filho de Deus, que tiver profanado o sangue da aliança em que foi santificado e tiver ultrajado o Espírito da graça” (10,29). Esta advertência final é parte integrante da concepção de salvação do autor. O Espírito é distribuído aos crentes (2,1-4). O Espírito é compartilhado, saboreado pelos crentes (6,1-8). é o lugar da graça (10,26-31). Aqui o Espírito Santo e a “graça” (*charis*) estão conectados. O Espírito é a fonte da graça (Zc 12,10), é uma expressão da graça divina, é aquele que põe a graça de Deus nos seguidores de Cristo.

Em 10,26-29 e 9,11-14 o drama da salvação exige uma justaposição de três elementos: o Filho de Deus (o primogênito que morreu), seu sangue (o sangue purificador da aliança) e o Espírito. Da mesma forma que a expressão “Espírito eterno” em 9,14, a expressão “Espírito da graça ultrajado” é um *hapax legomenon* no Novo Testamento. Essas expressões, então, não são algo que o autor herdou, são algo que o autor construiu. Mas, ao contrário do “Espírito eterno” em Hb 9,14, o “Espírito da graça” tem um antecedente veterotestamentário, especialmente Zc 12,10: “E derramarei o espírito da graça...” (LEVISON, 2016, p.108).

Hodson chama a atenção que ἐυβρίζω (ultrajado) é encontrado apenas uma vez em Fílon, e tem o sentido de profanar o cadáver de um inimigo. Também é encontrado em Josefo no contexto de desrespeitar os mandamentos de Deus ou insultar e abusar de sua lei escrita (HODSON, 2019, p. 209). O ultraje é exercido contra o Espírito, a expressão descreve o apóstata ultrajando; o Espírito não se ofende, mas recebe um tratamento gravemente ofensivo. O foco está na insolência do apóstata, na rejeição arrogante a Deus e a sua provisão graciosa através da auto-oferta de seu Filho e isso tem como consequência o julgamento divino (HODSON, 2019, p. 211).

A ideia de ultrajar o Espírito da graça, no qual o Espírito é objeto de opróbrio, tem outros antecedentes israelitas. O primeiro entre eles é Is 63,7-14, onde o Espírito guia o povo para a terra prometida. Em Is 63,10, Deus, que havia tirado os hebreus do Egito, se voltou contra eles porque estes se

voltaram contra o Espírito Santo. O ponto fundamental, tanto no profeta quanto em Hb, é que o Espírito é o objeto da desobediência, que leva Deus ao julgamento contra o recalcitrante e rebelde. Na carta aos Hebreus, ultrajar o Espírito da graça tem uma consequência semelhante: vingança e julgamento divinos e cair nas mãos do Deus vivo (Hb 10,30-31).

Essa acusação reflete uma longa tradição de resistência ao Espírito Santo que se estende além de Isaías 63. Neemias inclui uma caracterização semelhante de Israel em sua oração: “Por muitos anos foste paciente com eles, e os advertiste pelo teu Espírito por intermédio de teus profetas; porém eles não deram ouvidos. Pelo que os entregaste nas mãos dos povos das terras” (Ne 9,30). O profeta Zacarias também descreve a história de Israel: “Endureceram seus corações como diamante, para não ouvir a lei, nem as palavras que o Senhor dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam; daí veio a grande ira do Senhor dos Exércitos” (Zc 7,12) (LEVISON, 2016, p.108).

Tratar o Espírito da graça com desdém é rejeitar tanto o sinal da presença de Deus entre seu povo quanto sua presença real. Para o autor de Hb, conseqüentemente, aqueles que assim agem, se divorciam de todo e qualquer benefício que advenha da morte sacrificial de Cristo e de sua intercessão contínua. De fato, o apóstata rejeita deliberada e totalmente a provisão salvífica de Deus (HODSON, 2019, p. 211).

Considerações finais

O artigo de Jack Levison (2016) tem por objetivo provar que a pneumatologia de Hebreus é coerente, criativa e integral à Carta. Levison divide os textos relativos ao Espírito Santo em dois blocos: o Espírito e as Escrituras e o Espírito e a salvação. Sobre o Espírito e as Escrituras, sua tese é que o Espírito é o hermeneuta das Escrituras para os destinatários desta carta, o Espírito fala diretamente, via Escritura, à comunidade de fé no contexto do autor bíblico e destinatários. Quanto ao segundo bloco de citações, Levison conclui que os destinatários têm uma experiência autêntica do Espírito que os une com Jesus e os primeiros discípulos.

Alan K. Hodson (2019) discorda de Levison (2016) a respeito da expressão “Espírito eterno”. Para Levison a expressão significa o Espírito agindo dentro de Jesus, ou seja, uma disposição interior que motiva Jesus a agir. Para Hodson, o Espírito eterno em 9,14 é o Espírito Santo que capacitou Jesus a cumprir seu ministério como sacerdote sacrificador e vítima sacrificial. Neste artigo, assumimos a posição de Hodson que é mais lúcida e coerente com o tema central da Carta.

Quanto as demais conclusões de Levison, este artigo está totalmente de acordo que há uma pneumatologia bem elaborada na Carta aos Hebreus. O Espírito Santo é um participante ativo e guia que comunica o significado das Escrituras às comunidades cristãs. Uma das principais preocupações da carta é a ameaça de apostasia. Cinco das sete referências ao Espírito em Hb ocorrem em contextos de advertência que são dedicados a esta preocupação principal (2,4; 3,7-8; 6,4; 9,14; 10,29).

Mesmo as referências que não ocorrem em contextos de advertência (9,8; 10,15) descrevem características da salvação. O texto de Hb 9,8 demonstra que as velhas instituições não podem purificar os pecados. Em Hb 10,15-18, através de uma citação modificada de Jr 31, a nova aliança é descrita com generoso perdão dos pecados. Ambos os textos comunicam temas centrais da carta: a inadequação da antiga aliança e a eficácia inigualável da nova.

Embora a teologia do Espírito esteja enraizada na igreja primitiva, ela também cresce no solo das Escrituras. Essa qualidade da pneumatologia é evidente, é claro, nos três textos em que o Espírito interpreta a Escritura para aumentar sua relevância para a comunidade viva da letra (3,7-8; 9,8; 10,15).

Este artigo discorda inteiramente dos autores que assumem a opinião (majoritária), que a Carta aos Hebreus tem pouco a acrescentar à pneumatologia do Novo Testamento. Concorda com Hodson que todas as sete ocasiões em que o autor de Hb se refere ao Espírito, ele o faz usando linguagem e conceitos que são únicos no Novo Testamento. O Espírito interpreta as Escrituras (9,8) e este é o único lugar no Novo Testamento onde se diz que o Espírito age como hermeneuta. Hebreus possui uma pneumatologia significativa, bem desenvolvida e única.

É significativa a conclusão de Hodson de que o autor de Hb retrata o Espírito como pessoal, eterno e divino, que está ativamente envolvido na expiação dos pecados e na nova aliança, mostrando a necessidade de tal aliança e proporcionando uma parceria com cada membro da comunidade cristã. Nesse sentido é que a pneumatologia de Hb não é autônoma. Este artigo conclui, pelo estudo dos autores apresentados, que a pneumatologia de Hb depende da cristologia, apontando para uma união indissociável entre a obra do Cristo Sumo Sacerdote no santuário celeste pronta para santificar os crentes e a obra santificadora do Espírito Santo agindo na comunidade cristã e interpretando as Escrituras.

No dizer de Hodson, a pneumatologia subjacente de Hebreus mostra o que pode ser chamado de “coinerência trinitária” (HODSON, 2019, p. 227).

Referências

ANDRADE, A L P. O sacerdócio de Cristo e a laicidade do sacerdócio conforme a Carta aos Hebreus. In: *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, Vol. 30, No. 119, p. 248-256, 2013.

BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 1987.

EMMRICH, M. ‘Amtscharisma’: Through the Eternal Spirit (Hebrews 9:14). *Bulletin for Biblical Research*, Overland Park, Vol. 12, No. 1, p.17-32, 2002.

GOMES, R. M.; MALZONI, C. V. A expressão *chōrís hamartías* na Carta aos Hebreus. *Pistis & Praxis*, Curitiba, Vol. 14, No. 2, p. 409-432, 2022.

HODSON, A K. *The Pneumatology of the Letter to the Hebrews: Confused, Careless, Cavalier or Carefully Crafted?* Doctoral dissertation. University of Chester, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/10034/623547>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

LEVISON, J. A Theology of the Spirit in the Letter to the Hebrews. *The Catholic Biblical Quarterly*, Baltimore, Vol. 78, No. 1, p. 90-110, 2016.

LINDARS, B. *The Theology of the Letter to the Hebrews*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MONTEFIORE, H. *A Commentary on the Epistle to the Hebrews*. San Francisco: Harper & Row, 1964.

HOWARD, G. Hebrews and the Old Testament Quotations. *Novum Testamentum*, Leiden, Vol. 10, Vol 2, No. 3, p. 208-216, 1968.

VANHOYE, A. La “Teleiósisis” du Christ: point capital de la Christologie sacerdotale d’Hébreux. *New Testament Studies*, Cambridge, Vol. 42, No. 3, p. 321-338, 1996.

Trabalho submetido em 03/10/2022.
Aceito em 18/11/2022.

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

Doutora em teologia bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), membro do Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2339-1134>. E-mail: ailapinheiro@hotmail.com.br.